

«A Dra. Elisa Medhus oferece-nos uma história sentida e emocionante que o levará a questionar as suas crenças sobre o amor, a perda e a vida após a morte.»

Dr. Eben Alexander, autor de *Uma Prova do Céu*

Elisa Medhus



O meu filho está no Céu

O testemunho comovente de uma mãe
sobre a perda do filho e a vida para além da morte

nascente

Índice

Prefácio de Erik Medhus (traduzido por Jamie Butler)	11
Prefácio de Jamie Butler (a tradutora espiritual do Erik)	13
Introdução	15
<i>Funcionamento da obra</i>	19
<i>A mente cética: O meu percurso até à crença</i>	19
<i>Do Erik: Argumentos contra o suicídio</i>	22
PARTE I: A VIDA, A MORTE E A VIDA APÓS A MORTE DE ERIK	25
1. Sobre o Erik	27
2. A morte do Erik	33
3. As visitas do Erik: sonhos, mensagens e partidas	37
<i>Visitas físicas</i>	41
<i>Visitas na pele de outras pessoas</i>	44
<i>Toques e cócegas</i>	45
<i>Cheiros desagradáveis</i>	48
<i>Objetos que se movem</i>	50
<i>Objetos escondidos</i>	54
<i>Brincadeiras com a eletricidade</i>	56
<i>Telefonemas</i>	58
<i>Manifestação de objetos vindos do nada</i>	58
4. Uma nova relação através do véu	63
<i>O Erik descreve a própria morte</i>	65

<i>O Erik passa a vida em revista</i>	84
<i>As novas experiências do Erik como alma solta</i>	86
PARTE II: A ALMA SOLTA	95
5. O Erik descreve a morte em termos gerais	99
6. Passar a vida em revista na sua generalidade	109
7. As capacidades de uma alma solta	115
<i>Como é a aparência de uma alma?</i>	115
<i>O que pode fazer uma alma solta?</i>	117
<i>As diferenças entre almas encarnadas e desencarnadas</i>	120
<i>Os sentidos e as emoções</i>	131
<i>Visitas nos sonhos</i>	134
<i>Trabalho energético</i>	141
<i>A obra de vida</i>	145
<i>Níveis anímicos</i>	151
<i>Terapia</i>	153
8. A natureza da vida após a morte	157
<i>Como é a vida após a morte?</i>	157
<i>O dia a dia na vida após a morte</i>	159
<i>As camadas e os níveis</i>	161
<i>A linguagem e a comunicação</i>	165
<i>A evolução da vida após a morte</i>	167
<i>O que é verdadeiramente real?</i>	170
9. As almas	173
<i>A reencarnação</i>	173
<i>O ciclo de vida da alma</i>	175
<i>A evolução da alma após a morte</i>	185
<i>A comunicação das almas</i>	188
<i>A alma das crianças</i>	193
<i>A alma não humana</i>	199
<i>Experiências de quase-morte</i>	201

PARTE III: O GRANDE PANORAMA	205
10. A natureza da consciência	207
<i>O que é a consciência?</i>	208
<i>Os neutrinos</i>	211
<i>Animal, vegetal e mineral</i>	213
11. O tempo e o espaço	225
<i>O funcionamento do tempo ... já não era sem tempo</i>	225
12. A matéria e a realidade	239
<i>Tudo sobre a matéria</i>	239
<i>A natureza da morte</i>	250
<i>A física da morte</i>	251
13. O amor e o medo	255
<i>A natureza do medo</i>	255
14. A natureza dos poderes superiores	261
<i>Sessão sobre Deus</i>	261
15. Quem somos e porque aqui estamos?	273
<i>A nossa natureza</i>	273
Conclusão	281
Agradecimentos	285

Prefácio de Erik Medhus

(TRADUZIDO POR JAMIE BUTLER)

Nunca tive uma vida que se possa realmente considerar normal. Agora, tenho uma vida após a morte extraordinária e dou por mim a descrever e a partilhar a minha viagem.

Não tinha um caminho de vida na Terra, mas agora sinto-me grato por poder dizer que me defino pelo trabalho que faço. Apesar de toda a dor e todo o sofrimento por que a minha família passou, sei, no fundo da alma, que a minha morte ocorreu oportunamente. Levou a minha mãe de espírito científico a investigar o desgosto e a morte; levou-a a fazer perguntas e a descobrir como continuar a manter contacto com o filho falecido. Pelo caminho, acabou por nos dar voz a ambos, para ajudar os outros a entender a morte, o pós-vida, o suicídio, o desgosto e a comunicação.

Não poderia ter feito nada sem a minha mãe. Amo-te muito, mãe. Obrigado por não desistires de mim, nem na morte. Afinal, o amor triunfa sempre.

Também quero dizer «obrigado» à minha família. Amo-vos mais do que imaginam. Estou sempre convosco.

Prefácio de Jamie Butler

(A TRADUTORA ESPIRITUAL DE ERIK)

Foi no verão de 2010 que a Elisa Medhus marcou um primeiro encontro comigo. Estava sentada no andar de cima da casa dos meus pais, na Florida, à procura de privacidade. Só sabia o nome e o número de telefone dela. Depois do telefonema, veio ter comigo, ao quarto, o espírito de um jovem. Parecia ser alto, magro e ter cerca de 18 anos. Tinha o cabelo um pouco desgrenhado. Encarou-me e perscrutou-me com o olhar, mas mantinha-se mais atento ao quarto, ou descaía a cabeça e fitava o chão. Estava perturbado. Vestia umas calças de ganga e uma t-shirt. A certa altura disse-me que era o filho da mulher que me contactara e começou a falar da sua morte: os espíritos têm esse hábito. Acho que é uma ajuda não só para os vivos saberem por que experiências passaram os mortos como também para os espíritos que, ao falarem delas, as analisam melhor.

O Erik — entretanto a Elisa disse-me que era esse o nome dele — passou a explicar o que é que o levou a acabar com a própria vida. Lembro-me de hesitar várias vezes, durante o relato, porque me era doloroso, como mãe, ouvir e traduzir o que ele contava. A Elisa aceitou a informação com serenidade e muito amor. Fiquei impressionada e espantada com a sua força.

O Erik proseguiu e, assim que se sentiu mais à vontade comigo, começou a falar como um autêntico estivador. Tentando acompanhá-lo, até gaguejei e me ri de nervoso com o seu discurso atrevido, recheado de palavras grosseiras. A Elisa garantiu-me que o filho falaria

assim e aconselhou-me a aceitar esse seu traço de caráter. Foi assim que conheci o Erik.

Traduzir o Erik e comunicar por ele foi um desafio incrível mas esclarecedor e que me fez sentir mais humilde. Assistir à sua evolução naquele novo papel e à forma como ensinava com compaixão e uma impetuosidade característica levou-me a pensar além dos limites da espiritualidade. Sinto uma enorme gratidão por pertencer à família espiritual do Erik.

Passei toda a vida a falar com espíritos e encontrei em muitos mais consolo do que nos meus amigos terrenos. Para mim, a morte é um belo renascimento e um regresso à nossa essência. A morte não é um fim em si mesma: é um novo início. E ensinar essa perspectiva é um dos aspetos mais significativos do meu trabalho.

As minhas crenças não são novas, mas o processo de compreensão e incorporação dessas crenças nas nossas vidas quotidianas é uma novidade para quase toda a gente.

Tenciono traduzir as mensagens do Erik e outros guias espirituais maravilhosos, tornando a informação acessível, compreensível e útil. Espero que o seja para si.

Introdução

Enquanto mãe, é-me doloroso ver os meus filhos sofrer. Como médica, essa dor foi exacerbada por não conseguir «consertar» o meu filho Erik, constantemente perseguido pelos seus próprios demónios, sem dó nem piedade. Além das dificuldades de aprendizagem e de sofrer de síndrome de Tourette, também padecia de bipolaridade em grau acentuado. Podemos dizer, então, que foi esse terrível monstro dos seus problemas que o mergulhou nas mais profundas trevas, de onde ele acabou por não ser capaz de emergir.

A bipolaridade pode ser uma doença terminal e, no caso do Erik, assim foi. Um belo dia de outono, encontrei-o morto, sentado na cadeira da sua secretária, com uma bala de calibre 45 e ponta oca cravada no cérebro. A partir daí, a minha vida mudou do «antes» para o «depois». Não só me deixei consumir pelo desgosto e pelo desespero como também me deixei cair num vazio de crenças, incapaz de responder ao que se tornaria a pergunta mais importante da minha vida: onde estava o meu filho? Médica de formação e filha de pais ateus, tinha dificuldade em perceber qual era o meu ponto de partida. Nem sequer sabia se havia alguma coisa a procurar.

Assim, fiz o que sabia fazer melhor: voltei-me para a ciência. Devorei centenas de livros e relatos de físicos quânticos e teóricos, bem como de pessoas que tinham tido experiências de quase-morte. Analisei experiências controladas e em duplo-cego feitas a tradutores espirituais e estudos científicos acerca da sobrevivência da consciência

após a morte. Antes de o Erik morrer, já me perguntava se a vida não implicaria bem mais do que o que nos mostra a realidade limitada e tridimensional que apreendemos através dos cinco sentidos. Se limitarmos as nossas crenças às fronteiras que as ciências materiais e a maioria das religiões organizadas nos inculcaram, ficamos com muitos fenômenos por explicar. Porque acertam alguns tradutores espirituais com tanta precisão? Porque contam algumas crianças histórias de vidas passadas tão convincentes? Porque são tão credíveis as experiências de pessoas que tiveram experiências de quase-morte? Com a minha sólida carreira científica, sempre me senti pouco à vontade com as questões espirituais, mas também conhecia o princípio da navalha de Occam: a resposta mais plausível é a que explica melhor e tira menos conclusões. Para mim, acreditar na sobrevivência da consciência depois da morte honrava esse conceito. Afinal, talvez o mundo não fosse plano.

Porque são as pessoas como eu tão céticas em relação ao domínio espiritual do paranormal? Somos céticos porque só rotulamos as coisas como reais se as pudermos observar diretamente pelos cinco sentidos ou com um aparelho de medição que lhes forneça a informação. O físico nuclear experimental Thomas Campbell, autor de *My Big TOE (Theory of Everything)*, explica que somos como as nossas bactérias intestinais. Tanto quanto sabemos, o pão que nos chega é maná do Céu. Nada percebemos de cultivo de sementes, irrigação, rotação de culturas, fertilização e controlo de pestes, colheitas, produção e distribuição de pão. Nós, as bactérias, porém, somos afetados por esse processo¹. Dito isso, o que não falta por aí são coisas que existem e nos afetam, apesar de não as apreendermos pelos cinco sentidos. Pode ser o caso das outras dimensões, incluindo a dimensão em que se encontra o meu filho. Mas um grande navio demora muito

¹ CAMPBELL, Thomas, *My Big TOE: The Complete Trilogy*. Lightning Strikes Books, Hustsville, 2007, p. 118.

a mudar de rota, e, como se diz que o filósofo Arthur Schopenhauer terá observado, «toda a verdade passa por três etapas. Primeiro, é ridicularizada. Depois, é violentamente contrariada. Por fim, é aceite como evidente²».

Cética de mente aberta, já com estudos científicos — entre os quais a investigação sobre os tradutores espirituais — sustentando a minha hipótese, comecei a procurar um tradutor talentoso que pudesse dar voz ao meu filho. Encontrei precisamente aquilo que procurava na Jamie Butler. Nas nossas sessões, captou perfeitamente a personalidade irreverente do Erik, com quem partilhava uma química claramente especial, como a de uma irmã mais velha com o seu irmãozinho maçador.

Foi com a informação dessas sessões que comecei o meu blogue, *Channeling Erik: Conversations with My Son in the Afterlife*.³ Inicialmente, o blogue servia para canalizar o meu desgosto e dar seguimento à minha relação com o meu filho. Mas, para meu grande espanto, o crescente número de seguidores fez-me constatar que eram muitas as pessoas que encontravam consolo nas minhas publicações diárias. Para algumas, o blogue era uma verdadeira tábua de salvação: salvara-lhes literalmente a vida.

A certa altura, vários membros do blogue começaram também a fazer perguntas ao Erik cujas respostas nos enchem de esperança e consolo. Ao longo da obra, o Erik descreve o processo da morte física, a natureza da vida após a morte, as capacidades e atividades de uma alma solta, o destino dos suicidas, o sentido da vida e da experiência humana e não só. Quanto ao suicídio, o Erik mostra-se firmemente contra. Não para de dizer que, quando acabamos com a própria vida,

² Não se sabe ao certo se esta citação é mesmo de Arthur Schopenhauer, mas, desde os anos 50 do século xx que lhe é atribuída. Independentemente do autor, é uma mensagem significativa.

³ «Comunicando com o Erik: Conversas com o meu filho na vida após a morte.» [N. da T.]

os nossos problemas não acabam: vão conosco. Além disso, deixamos para trás um mundo de desgosto, o que só nos exacerba o sofrimento. Estou bem habilitada a confirmá-lo.

O Erik seria o primeiro a admitir que não era nenhum Oráculo de Delfos. É um ser humano imperfeito que, à semelhança de muitos de nós, teve de lutar contra os próprios demônios. Tropeçou e caiu vezes sem conta. Mas talvez tenham sido os seus pontos fracos que lhe proporcionaram uma compreensão tão profunda da experiência humana. Sabe muito bem o que é estar mergulhado num medonho poço de tristeza, a tentar desesperadamente trepar para fora. Também sabe muito bem o que é o desespero e a vontade de desistir, por acreditar que a vida não vale o sofrimento e os revezes todos que nos traz. Todas essas provas e tribulações, no entanto, proporcionam outro tipo de sabedoria: a que muitos de nós já acedemos, nas nossas próprias batalhas. Dito isso, por mais jovem e imperfeito que o Erik seja, vale a pena ouvi-lo. É um de nós.

Como médica, escrever este livro foi um processo de cura: é-me natural restabelecer e ajudar o próximo; ao fazê-lo, também sararei as minhas próprias feridas. Como mãe, escrever este livro ensinou-me uma importante lição: a morte não implica o fim de uma relação. O amor não tem fronteiras — nem a morte.

Convido-o a juntar-se a mim e ao Erik nesta viagem. Considere que este livro é um guia da vida após a morte, uma espécie de manual cujos capítulos pode ir consultando, sempre que precisar. Há de chorar, de rir e de se deleitar. Uns leitores estão de luto, como eu. Outros desejam superar o medo da morte. Outros ainda desejam entender melhor o grande panorama das coisas e perceber o sentido da vida e da morte. Sejam quais forem os motivos de cada um, juntos, exploraremos o sentido da experiência humana, a natureza do processo da morte física, a prova e a arquitetura da vida após a morte, a sobrevivência da alma e da consciência, bem como a física subjacente a tudo. Tal como eu, muitos leitores começarão esta viagem

com ceticismo. Espero que a acabemos juntos, imbuídos de muita paz e perfeitamente esclarecidos.

FUNIONAMENTO DA OBRA

Uma boa parte do percurso que me levou do ceticismo à crença implicou respostas do «outro lado»: conversas como uma pessoa que, inicialmente, nem sequer sabia se existiria mesmo: o meu filho. A obra inclui muitas transcrições das conversas com o Erik, facilitadas pelas suas comunicadoras e tradutoras espirituais, Jamie Butler e Kim O'Neill. Quanto a isso, como se costuma dizer, «quem me avisa meu amigo é», pelo que começo por avisar que o Erik mostra bem a sua personalidade e fala despudoradamente. Tenha em atenção que se irá deparar com alguma linguagem mais forte, porque ele não tem tento na língua.

Feito o aviso, prepare-se para ler os diálogos que eu, o Erik, a Jamie e a Kim tivemos e que são informativos, ocasionalmente irreverentes e desafiadores, umas vezes intimistas, outras comoventes, e sempre esclarecedores. Aconselho-o a utilizar este livro como melhor lhe aprouver: como guia de referência que consulta por secção ou ponto de interesse, ou como experiência de leitura tradicional, da primeira à última página. O meu objetivo é proporcionar-lhe um guia completo sobre a morte e o pós-vida, entre e capa e a contracapa do livro: um compêndio de informação que pode consultar as vezes que quiser.

A MENTE CÉTICA: O MEU PERCURSO ATÉ À CRENÇA

Creio que, em muitos aspetos, a educação que recebi dos meus pais ateus me encerrou a mente numa caixa de ferro, sem portas ou janelas. Tinha, contudo, as suas vantagens. Nunca precisava de pensar

ou pôr nada em causa; tinha a mente encerrada no fluxo bidirecional de todas as ideias associadas à vida após a morte. Por outro lado, não tinha quaisquer ferramentas para explorar o tema.

Ao longo da minha vida, deparei-me com muitos exemplos da existência do pós-vida, mas as minhas dúvidas puseram à prova a resistência da minha caixa de ferro. Por exemplo, apanhei um programa de televisão sobre as estranhas visões e predições de Edgar Cayce, o tradutor espiritual americano fundador da Association for Research and Enlightenment⁴. Li um artigo fascinante no *New York Times* a relatar o caso de dois bebês gêmeos que começaram inexplicavelmente a comunicar um com o outro na língua arcaica e morta: aramaico. Encontrei uma notícia sobre uma mulher de Seattle que tinha tido uma experiência de quase-morte, depois de um ataque cardíaco. Enquanto esteve alegadamente fora do corpo, a mulher reparou num ténis com os atacadores dobrados debaixo do calcanhar, entalado num rebordo qualquer do terceiro andar do hospital. Esse mesmo sapato seria posteriormente encontrado por um funcionário do hospital, nesse preciso lugar que a mulher descreveu.

Embora não soubesse explicar a estranha precisão das predições de alguns comunicadores espirituais, os relatos aparentemente indiscutíveis de quem morreu e voltou para contar o que viu, bem como as extraordinárias histórias de vidas passadas que contam algumas crianças, teimava em manter uma atitude fechada. Por esse motivo, era uma pessoa um tanto ou quanto insensível para com os demais. Por exemplo, nunca acreditava em conversas sobre cura energética, regressão a vidas passadas ou comunicação com os espíritos, porque considerava tudo isso coisas da tendência *New Age*, saídas dos contos de fadas, ou de ciganas a espreitar para bolas de cristal. Além disso, o meu estilo de vida conservador fazia-me frequentemente sofrer. Por exemplo, a primeira coisa que o meu pai me disse, quando da

⁴ Associação para a Investigação e o Esclarecimento. [N. da T.]

morte do Erik, foi: «Lamento, Elisa, mas ele vai-se transformar em poeira.» Oh, como queria acreditar que ele estava enganado!

Passei mais de metade da minha vida como médica interna, certificada pela American Board of Internal Medicine⁵, e décadas dedicada à prática privada. A biologia, a bioquímica, a farmacologia, a patologia, a fisiologia e os outros ramos das ciências fazem praticamente parte do meu ADN. Aliás, a ciência está tão bem espremida entre essas hélices duplas, que julguei nem ter aí espaço para o que outrora considerava ser disparate. Esse ponto de vista só serviu para reforçar a caixa de ferro do meu ceticismo. Mais uma vez, o facto de não ver o meu filho falecido através dos cinco sentidos desafiava tudo o que aprendera ao longo da minha educação. Como poderia eu redefinir toda a minha identidade como cientista, médica e cética?

Depois de morrer, no entanto, o Erik começou a apresentar-se à família e aos amigos. Não só os visitava em sonhos reais e intensos como até lhes começou a pregar partidas. Toda a gente parecia desfrutar da sua presença, menos eu. Sentia ciúmes, porque, afinal, era eu a mãe dele. Poderia ter considerado que estavam todos a ter alucinações, mas sabia que nenhum era louco e muito menos o meu marido. É do mais racional e sensato que há. Juntamente com as minhas pesquisas exaustivas, essas experiências marcaram o início da minha batalha interior entre o belicoso ceticismo e a crença.

Sempre fui muito crítica em relação aos físicos que só decidem sobre o diagnóstico de um paciente depois de lhes lerem a carta astral e mesmo antes de os examinarem ou falarem com eles. Orgulho-me de ouvir os meus pacientes com um espírito aberto e sempre atenta à minha intuição. Quando comecei a pôr em causa o meu ceticismo, relativamente ao conceito da vida após a morte, perguntei-me: *Será que quero mesmo ser uma daquelas pessoas que insiste em dizer que a Terra é plana?* Apesar disso, recusava-me a aceitar. Agarrava-me à minha

⁵ Conselho Americano de Medicina Interna. [N. da T.]

descrença, como um cão que não larga o osso, porque, se começasse a acreditar e me mostrassem que estava enganada, sentir-me-ia despedaçada, como se tivesse perdido o Erik outra vez. Não aguentaria.

Foi só quando o desgosto se começou a dissipar que passei a receber visitas e partidas do Erik. Mais tarde, soube que o desgosto profundo é um muro espesso que dificulta e até inviabiliza a comunicação com os mortos. Foi assim que encetei o meu percurso, do conservadorismo ao ceticismo cauteloso mas aberto — e bastou um pouco de fé. Agora, a minha caixa de ferro tem portas e janelas.

Toda a gente está interessada em saber se existe alguma coisa além da morte, mas os cétricos conservadores, como eu era antes, têm muitas vezes demasiado receio em confiar nos estudos, na intuição ou em qualquer tipo de prova. Para descobrirem a verdade, teriam de passar por um processo de mudança radical de paradigma. Eu sei. Já passei por isso. É preciso coragem e força para acreditar, ter fé e ser completamente aberto. Por fim, consegui.

O objetivo desta viagem é partilhar o que fui descobrindo, com as pessoas que estejam a trilhar um caminho idêntico.

DO ERIK: ARGUMENTOS CONTRA O SUICÍDIO

Com a minha morte física, aprendi que não podemos pensar que existe uma só resposta para as muitas questões da vida. Nem aquilo que consideramos ser constante, como o tempo, o é. Sobre a vida percebi que nós, como pessoas, nos juntamos nas situações difíceis e reaprendemos o que é o amor: o amor-próprio; o amor ao próximo; o amor ao que nos rodeia; o amor aos animais, plantas e seres inanimados — a lista não acaba aqui. Tudo na terra pode ser amado e receber amor.

Quando aprendemos sobre o amor, aprendemos a não fazer juízos de valor, a ser resilientes e a deixar a dor e os outros passarem, bem como a aceitar a vida tal como ela é, sem forçar nenhuma porcaria.

Podemos muito bem decidir como ser; o resto é um resistente mas delicado tecido de energia que nos entrelaça uns nos outros. Se optarmos por ignorar essa energia, ela há de nos sufocar.

Não vou defender o suicídio nem dizer-lhe que só os fracos o cometem. Tal como também não direi que é um ato honorável. Direi que o suicídio é uma forma de vida. É uma forma muito clara de autoexpressão. Diz «Estou farto.» O suicídio é uma escolha pessoal, e ninguém tem de julgar as pessoas que o cometem. O que todos queremos é amor e não juízos de valor. Retrospetivamente, vejo que a luta da vida na Terra tem muito sentido. Se está a ponderar suicidar-se ou se já pensou nisso, aconselho-o a desistir da ideia. Tente sentir-se amado. O supremo objetivo é passar pela experiência da vida e do amor na Terra. Só podemos dar o nosso melhor. Não se deixe limitar.

PARTE I

**A VIDA, A MORTE
E A VIDA APÓS A MORTE
DO ERIK**

Sobre o Erik

O Erik chegou ao mundo no dia 21 de setembro de 1989, às 3.00 da tarde, sem emitir um só gemido. Em vez de guinchos de protesto por causa da luz intensa e do ar frio, parecia disposto a aceitar o novo cenário pacificamente. Até aos 12 ou 13 anos, foi uma criança feliz.

Na infância, o Erik admirava a beleza. Adorava mulheres e não tinha receio de lhes fazer elogios ao cabelo, aos olhos ou à roupa, tendo até chegado a pedir em casamento várias educadoras de infância.

Sempre que ia passear com os colegas, e para grande espanto dos professores, parava para contemplar todos os insetos, flores e ervas. Além disso, o Erik gostava de coisas bem masculinas: adorava fardas e toda a parafernália militar; motas, *motocross* e *motoqualquercoisa*; de mexer em motores, de arranjar os carros dos amigos, de instalar autorrádios e de manejar ferramentas. Também era bastante vaidoso com a roupa. Adorava vestir «fatos à papá» (um nome que cunhou para os fatos formais, quando era pequeno) e, nos meses que antecederam a sua morte, tinha muito o costume de andar de fato e gravata sem qualquer motivo. Era um verdadeiro homem.

Bem de acordo com a sua propensão para as atividades masculinas, o Erik queria participar em todos os desportos que o pai praticava: corridas de motos, *motocross*, esqui *slalom* e outras modalidades que me faziam fechar os olhos e encolher-me toda, como mãe e mulher. Mas, como eu, era trapalhão, e sendo o meu marido, Rune, um pai

muito protetor, nunca conseguiu participar tanto quanto queria nessas atividades arriscadas. Acho que, tal como eu, a sua inépcia era sinal de que o Erik se sentia melhor ao nível espiritual do que ao nível físico.

Apesar de ser tão masculino, não deixava de ser um rapaz sensível. Sabia instintivamente quando alguém precisava de um abraço ou de incentivo. Aos 9 meses, quando pegávamos nele ao colo para o consolar, ele já nos dava palmadinhas nas costas, para nos consolar a nós! Não gostava de perturbar os outros. Lembro-me de um dia, tinha ele cerca de 2 ou 3 anos, em que chegámos a casa, depois de o levar ao pediatra, e ele vinha com as coxas e os braços cobertos de pensos rápidos, por causa das vacinas. Fora uma tarde difícil para o pobre-zinho. Mas, quando o pai lhe perguntou como é que ele estava, respondeu com um sorriso a rasgar-lhe as faces inchadas pelas lágrimas: «Estou a passar bem.»

Com o crescimento, o charme e o carisma do Erik floresceram ainda mais. Quando sorria ou se ria, contagiava-nos a alegria. Era capaz de falar pelos cotovelos, até com perfeitos desconhecidos que acabara de encontrar. Apesar de falar muito da sua própria vida, ainda perguntava mais aos outros pela vida deles. Era um mestre a escutar as outras pessoas com a maior das paciências e muita compaixão. Além disso, tentava ajudar quem lhe parecia ter problemas como ele. Perdi a conta ao número de rafeiros que trouxe com ele, para lhes oferecer uma refeição caseira e a companhia reconfortante da nossa família. Tinha um sentido de humor contagioso; adorava fazer figuras tristes, pregar partidas e inventar anedotas para divertir toda a gente. Nenhuma das suas partidas ou anedotas era mal intencionada: eram todas carinhosas e afetuosas.

Comparando com muitos dos seus pares da nossa classe socioeconómica, o Erik tinha prioridades nobres. Não era nada mimado. Pelo contrário, era bastante grato por tudo o que tinha e dizia-o com frequência. Adorava partilhar e dar aos outros. O que mais prezava era a família e os amigos. Nunca foi uma pessoa mesquinha, de orgulho falso.

Tinha uma alma e um coração enormes e não hesitava em pedir sinceras desculpas, sempre que fazia ou dizia alguma coisa ofensiva, mesmo aos irmãos.

Mas o Erik travava as suas próprias batalhas. Tinha dificuldades de aprendizagem, o que o fazia sentir-se frustrado e, amiúde, assoberbado, no ambiente escolar. Apesar dos nossos incentivos e compreensão, o insucesso escolar destruiu-lhe a autoestima. Os colegas — e até alguns professores mais insensíveis — chamavam-lhe estúpido na cara. Para agravar a situação, também sofria de síndrome de Tourette, e os seus tiques e maneirismos estranhos tornavam-no vulnerável a comentários pouco caridosos. Foi mais ou menos a partir do secundário que comecei a assistir à transformação da criança alegre, encantadora e afetuosa num estranho. Lentamente, foi construindo uma carapaça bem resistente, para se proteger de um mundo que lhe era cruel. Passou a sorrir menos e a envolver-se em rixas na escola. E assim começou o negrume; foi-se insinuando na vida dele, como uma infecção tóxica, sugando-lhe a luz do coração e da alma. Não obstante, não chegava à altura do amor que continha nele.

Vou contar-lhe um episódio muito ilustrativo. Foi a irmã, a Michelle, quem nos contou muito recentemente. Ela e o Erik eram tão próximos, que pareciam gémeos. Na adolescência, a Michelle teve alguns romances trágicos. Aos 18 anos, conheceu o Chris, o amor da vida dela, e jurou que se casaria com ele, apenas uma ou duas semanas depois de o conhecer. Não foi uma notícia nada feliz, para mim e para o meu marido, pois o Chris... ora, sabem como são aqueles tipos que, aos 30 anos, ainda vivem na cave da casa dos pais, que passam a noite a jogar *Xbox* e a fumar gansas e o dia a andar de skate e a beber cerveja? Nem isso ele aspirava a fazer. Neste momento, está preso. Julgo que as raparigas com 18 anos nem sempre fazem bons juízos dos outros. A certa altura, a Michelle e o Chris romperam o noivado, e ela contou o que se passara ao Erik, quando iam os dois sozinhos no carro. Começou a soluçar, porque sentia como se aquele rompimento marcasse o fim

da vida tal como ela a conhecia. (Aquela experiência também me fez chorar e fez chorar o meu marido, mas, no nosso caso, lágrimas de alívio e felicidade.) Ao ver a Michelle chorar, o Erik começou também a chorar. Deu-lhe a mão e foi a chorar com ela, todo o caminho, até casa. Era como se ele também tivesse sido vítima daquele rompimento: partia-lhe o coração ver os outros de coração partido e sofria com o sofrimento dos seus próximos. É preciso muita coragem para sentir o sofrimento alheio. Já é suficientemente difícil carregar o peso dos nossos próprios problemas, quanto mais acrescer-lhe o desgosto dos outros. Era um fardo muito pesado para um rapaz jovem carinhoso e sensível como ele.

Foi aos 15 que lhe diagnosticaram o distúrbio bipolar e lhe começaram a prescrever medicação. Nem as sessões semanais com um terapeuta e um psiquiatra evitaram que o Erik resvalasse para uma profunda depressão. Acho que encontrava consolo nas drogas e no álcool, em parte, para aguentar o duro mundo exterior e, em parte, para aliviar o sofrimento. Como pais, fizemos tudo o que podíamos para o ajudar a sentir-se melhor com ele próprio. Tal como fazemos com os nossos cinco filhos, não passava um dia sem que não lhe disséssemos o quanto o amávamos e éramos gratos por o ter nas nossas vidas.

A certa altura, o Erik já parecia ter melhorado um pouco. Deixou de consumir drogas e álcool e começou a preparar-se para se tornar soldador. Uma vez que nem assim conseguia sentir-se feliz, desenvolveu um apetite insaciável por posses materiais, para preencher o vazio: um sistema de som para a carrinha, um novo aparelho para soldar, equipamento para um novo desporto ou passatempo, ou uma nova bicicleta. Quando lhe acabava o dinheiro, penhorava quase todas as suas outras posses para a dose seguinte. Também tinha uma intensa sede de amizade.

Lamentavelmente, o Erik estava bem ciente de que muitos dos seus amigos lhe desligavam o telefone na cara, assim que percebiam que era ele. Muitos achavam-no uma pessoa estranha e cheia

de idiossincrasias, o que o fazia sentir-se profundamente só. Acho muito irónico, porque ele era muito carinhoso com os outros, fossem amigos, conhecidos ou desconhecidos. Não hesitava em dar a roupa do corpo ao seu próximo e trazia com ele muitos amigos da idade dele que tivessem problemas, para lhes oferecer uma refeição caseira e uma cama para dormir. Nos 20 anos que passou na Terra, nunca o ouvi proferir uma palavra crítica ou depreciativa acerca de outra pessoa. Talvez fosse o facto de ter problemas que o tornava uma das pessoas mais compassivas e avessas a julgar os outros que alguma vez conheci.

O Erik era um incompreendido. Algumas pessoas consideravam-no uma pessoa demasiado intensa e desmiolada. Era atormentado por tiques e o vício do tabaco. Sob essa capa exterior, porém, estava um diamante em bruto. Poucos eram mais caridosos. Poucos eram mais carinhosos. Poucos eram mais compreensivos. Poucos se sacrificavam tanto pelos outros. Por vezes parecia-me que era a única pessoa no mundo capaz de lhe ver a alma. Sentia-me só.

A minha perspetiva começou a mudar quando recebi o seguinte e-mail que me enviou uma amiga do Erik, depois da sua morte:

Cara Dra. Medhus,

Foi com muito respeito e apresentando as minhas condolências que aceitei o seu convite para fazer parte da sua lista de amigos [no Facebook]. Pensei muito no seu filho Erik e na sua família, rezando para que possam ultrapassar a dor da perda monumental que a morte precoce dele vos trouxe.

A última vez que vi o Erik foi no Starbucks. Trabalho lá há três anos e passo a explicar como é que fiz amizade com ele.

Era mesmo um dos meus preferidos, de entre os alunos da Memorial [escola secundária], e isso é significativo. Nem sempre tinha paciência (e ainda é assim) para os adolescentes com comportamentos e atitudes difíceis. O Erik era diferente da maioria e era para mim um prazer recebê-lo.

Estava sempre pronto para me sorrir ou ajudar a manter a paz e a ordem no alpendre, quando tinha de lhes pedir para se portarem bem. Conversávamos muitas vezes, ao balcão, ou no pátio.

Foi muito pouco antes da sua morte que ele apareceu no café muito distante e diferente do que era costume (pelo menos comigo). Ofereci-lhe uma bebida por conta da casa, e conversámos um pouco. Fiquei preocupada, mas envergonho-me de dizer que parti do princípio de que ele estivesse assim por lhe ter corrido mal o dia ou a semana. Pensei que fosse coisa passageira. Perguntou-me se lhe dava amizade no Facebook, e eu disse logo que sim. Adicionou-me nesse mesmo dia. Poucos dias depois, recebi a notícia do suicídio dele. Quem me dera ter seguido o meu instinto e tentado ajudá-lo mais. Era um excelente miúdo.

Comecei a ler o seu blogue e acho inspirador e enternecedor acreditar que ele ainda está entre nós, neste reino terrestre, a zelar pela família e os amigos. Embora tenha paz do outro lado, quero que saiba que ainda rezo muito pela sua família!

Quem me dera poder oferecer-lhe mais; mas, infelizmente, por ora, é o melhor que lhe posso dar. Por favor, da próxima vez que estiver com o Erik, diga-lhe que o estimo muito e que também sinto saudades dele. Que sinta muito a presença dele e que a memória dele seja um bálsamo para o seu coração partido.

Respeitosamente,

Amber

Sempre que lia esta carta, não conseguia conter as lágrimas. Lágrimas de alegria e gratidão, mas também de mágoa porque o Erik nunca se apercebeu do quanto era digno de amor. Nada disto chega sequer à superfície do ser que ele era... e é. Tinha as suas imperfeições, como todos nós temos, mas que nada eram quando comparadas com as suas muitas e maravilhosas qualidades.

A Dra. Elisa Medhus nunca tinha acreditado na vida após a morte.

Enquanto médica, sempre colocara a sua fé na ciência. Mas tudo isso mudou quando o seu filho Erik morreu e ela começou a comunicar-se com ele no Além.

Emocionante, comovente e esclarecedor, este livro levará os leitores numa incrível viagem, partindo da dor e do ceticismo desta mãe até alcançar a fé na existência do Céu.



O Meu Filho Está no Céu fornece respostas às perguntas mais universais do ser humano:

Existe vida após a morte?
O que acontece quando morremos?
Como comunicam os mortos com os vivos?



Através de uma série de conversas, Erik fala sobre o Céu com sinceridade e sabedoria, descrevendo as suas experiências e fornecendo respostas esclarecedoras sobre a natureza da alma, a morte e a vida no Além — **respostas que têm o potencial de mudar as nossas vidas para sempre.**



Espreite o vídeo deste livro no ecrã de um telemóvel.

 **nascente**
o curso da sua vida

20|20 editora

Espiritualidades

ISBN 978-989-668-234-7



9 789896 682347

www.nascente.pt